

Apresentam-se alguns dos tópicos de resposta.

1. Não é possível concordar com a definição de inteligência enquanto capacidade da mente para resolver problemas abstractos. A definição é pouco inclusiva, demasiado restrita, insuficiente ou limitada. O conceito de inteligência abarca mais competências para além da resolução de problemas abstractos. Os psicólogos não estão de acordo quanto a uma teoria global da inteligência humana. A definição do conceito de inteligência é relativo a uma teoria psicológica particular. Note-se no desenvolvimento actual que é conferido à dimensão emocional do comportamento inteligente. Há alguns aspectos gerais que podem ser referidos para uma definição incompleta do que é a inteligência.
2. Apresenta-se a definição da autoria de Daniel Goleman sobre o conceito de IE. É possível responder à questão referindo a proposta de António Damásio que destaca o papel das emoções no processo de decisão: a hipótese do marcador somático e o seu significado. Os casos clínicos de Elliot e de Phineas Gage como uma fonte de evidências acerca dos efeitos cognitivos provocados por défices emocionais.
3. Referir os principais factores de inteligência: a hereditariedade e a idade, a influência do meio sociocultural, as expectativas (pode-se referir aqui o «efeito de Pigmalião») e a motivação.
4. O conceito de QI expressa uma relação entre a IM e a IC cujo produto final é multiplicado por 100 (que é o valor considerado como média normal da inteligência). Se a IM, aferida pela aplicação de um conjunto de testes psicométricos, for superior à IC, a idade real, então, o QI será sempre superior à média. O inverso mostra que há um défice cognitivo. É muito discutível que a inteligência seja captada por uma fórmula tão abstracta como o QI.
5. Entre as várias críticas aos testes psicológicos, em particular, aos que pretendem medir a inteligência, destacam-se: (a) a tentativa de manipular ideologicamente os resultados e de promover atitudes de discriminação; (b) o facto de os testes serem demasiado estáticos - ao colocar a ênfase nos resultados, o processo psíquico, o dinamismo das operações mentais, não é apreendido. Ora, é este dinamismo intelectual que interessava investigar e determinar por parte dos psicólogos, e é isto que os testes deixam de lado.
6. A noção de pensamento envolve uma sequência de operações mentais, de inferências, raciocínios, de estratégias cognitivas, que têm por alvo resolver um problema ou executar uma dada tarefa, quer seja um problema abstracto, quer seja um problema concreto.
7. Não é possível concordar com a afirmação: os dois aspectos do pensamento são complementares entre si: o pensamento convergente está orientado para a procura de respostas únicas, lógicas e objectivas, subordinadas a regras rígidas, inflexíveis, e que expressa um tipo de pensamento rigoroso, disciplinado, assente em rotinas. O pensamento convergente está relacionado com a memória e com a aprendizagem – é um pensamento dedutivo e analítico, a base das aprendizagens escolares. O pensamento divergente, por seu lado, revela uma pessoa capaz de proceder a uma exploração mental de várias soluções para um dado problema, procura a criatividade, a originalidade, o uso da imaginação criadora e uma grande flexibilidade intelectual e sensibilidade. Daí a diferença entre estes tipos de pensamento, a diferença entre lógica e imaginação, rigor e criatividade. Todavia, a criatividade não surge do nada, não é um talento caído do céu ou que deva a sua existência apenas uma combinação casual da hereditariedade individual: o pensamento criativo precisa de se apoiar no pensamento convergente: uma pessoa pode ter imensas ideias novas, originais, mas ser incapaz de seleccionar as melhores ou de aplicá-las (concretizá-las na prática). Há pessoas que podem ser mais ou menos divergentes, mas os dois tipos de pensamento coexistem e complementam-se entre si.
8. O pensamento criativo possui como características a fluidez, a flexibilidade e a originalidade.
9. A imaginação reprodutora está ligada à memória e consiste fundamentalmente na capacidade cognitiva de evocar informação existente, derivada de percepções anteriores, com o objectivo de criar novas formas, novos padrões, através de recombinações inéditas das formas originais. A imaginação criadora consiste em estabelecer combinações de elementos, de formas, que nunca foram percebidos, ou experimentados, pelo sujeito cognitivo: o produto imaginário deste poder criativo é a ficção, o mundo da fantasia, do irreal, a geração de novos mundos e a invenção do próprio futuro.
10. A mente humana é complexa devido aos processos psicológicos integrados e interdependentes que a constituem, dando origem a respostas comportamentais diversas e individualizadas. Os nossos comportamentos são complexos em função da actividade mental que lhes dá origem: pensar, imaginar, sentir, querer, desejar, amar, experimentar emoções, estar motivado para realizar objectivos, memorizar e aprender, em suma, construir cada um o seu projecto de vida pessoal e definir a sua identidade

peçoal, são todos os aspectos que fazem parte da nossa vida mental. A mente humana é uma unidade de processos cognitivos, emocionais e motivacionais (conativos).

A mente humana é o lugar da totalidade da actividade psíquica. É um sistema integrado e integrador de processos dinâmicos que, em interacção, se organizam e auto-organizam de forma complexa. A mente não é, por conseguinte, um mero conjunto de componentes ou de estados independentes. Cada processo tem uma importância vital na operacionalidade de outros processos, afectando-os e sendo afectado por eles. Isto é particularmente notório nos défices emocionais e o seu impacto na vida mental e pessoal de cada indivíduo. A análise de casos clínicos como o de Elliot (investigado e relatado pelo neurocientista António Damásio) permitem-nos concluir que a ruptura, ou colapso, de um dos aspectos da mente, ou a dissociação entre componentes e processos, não afecta apenas uma parcela circunscrita, mas a sua unidade psíquica e integrativa. Os processos cognitivos, emocionais e conativos são interdependentes – a dissociação entre cognição e emoção compromete a capacidade de planear o futuro. Existe assim uma estreita interacção entre mente, cérebro e comportamento. O conceito de mente remete-nos para a relação de reciprocidade que esta mantém com o comportamento (manifestação observável dos processos mentais), por um lado, e com o seu suporte material (mecanismos neuronais), por outro. Mente, cérebro, e comportamento constitui um triângulo de componentes interdependentes e relacionadas (funcional e estruturalmente). A integração harmoniosa dos diferentes processos mentais é um todo funcional e único que nos permite conhecer, sentir e agir sobre o mundo em que se desenrola e se constrói a nossa existência pessoal.

A capacidade de antecipar o futuro, de planear, formular cenários e prever resultados, diz respeito à dimensão consciente da mente, e é uma capacidade exclusivamente humana, inseparável da imaginação, da emotividade e da intencionalidade da vida psíquica. Na mente humana, a imaginação assume um papel relevante na forma como construímos o nosso mundo próprio. Imaginar, isto é, produzir imagens mentais, depende da capacidade simbólica e está associado a processos cognitivos, emocionais e conativos. Imaginação reprodutora e criadora conjugam-se na nossa capacidade de atribuir significados e de planear, decidir e prever o futuro. Pensamento e acção criam o sentido que atribuímos ao mundo envolvente e à nossa própria existência, contribuindo em permanência para a construção da identidade pessoal. A identidade pessoal é o produto, sempre em aberto, da auto-organização que cada indivíduo faz da sua história biológica e relacional. A mente é, em última análise, o lugar do nosso «eu», é o lugar da personalidade e é aquilo que assegura a unidade, a singularidade e continuidade de cada sujeito psicológico como pessoa.